

CADERNOS

DE EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA

**POR QUE PROMOVER
A APRENDIZAGEM
ATIVA?**

METODOLOGIAS PARA A

**APRENDIZAGEM
ATIVA**

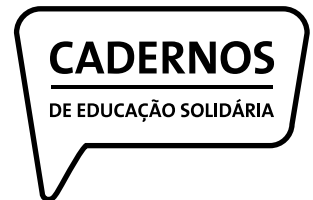
VOLUME 1

**O CONTEXTO:
EDUCAÇÃO PARA O
SÉCULO 21**

**PILARES PROPOSTOS
PELA UNESCO**



ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA



METODOLOGIAS PARA A **APRENDIZAGEM ATIVA**

VOLUME 1

Belo Horizonte
2020
2ª edição

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO
E ELABORAÇÃO DE TEXTOS
Rafaela Lima

PROJETO GRÁFICO
Mila Barone

DIAGRAMAÇÃO
Jéssica Kawaguiski
Mila Barone
Priscila Justina
Ronei Sampaio

REVISÃO DE TEXTO
Emanuela São Pedro
Priscila Justina

COOPERAÇÃO TÉCNICA
Projeto Tecnologias da Comunicação Educativa –
Universidade Federal de Minas Gerais

M593 Metodologias para a aprendizagem ativa / Associação Imagem
Comunitária. – 2. ed. – Belo Horizonte: AIC, 2020.
62 p. – (Cadernos de Educação Solidária; 1)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87808-05-5

1. Educação. 2. Ensino – metodologia. 3. Aprendizagem ativa. I.
Associação Imagem Comunitária. II. Título. III. Série.

CDU: 37
CDD: 469.07

SUMÁRIO

1 | POR QUE PROMOVER A APRENDIZAGEM ATIVA? – *pág. 5*

2 | COMO PROMOVER A APRENDIZAGEM ATIVA? – *pág. 9*

2.1 | O contexto: educação para o século 21 – *pág. 9*

| Pilares propostos pela UNESCO – *pág. 10*

2.2 | Protagonismo do professor: a base das práticas de ensino – *pág. 11*

2.3 | O protagonismo docente na prática: princípios metodológicos – *pág. 11*

| Gestão qualificada da aula – *pág. 12*

| Conhecimento do contexto – *pág. 12*

| Parceria com os estudantes na construção dos seus
projetos de vida – *pág. 12*

| Fomento ao protagonismo juvenil – *pág. 13*

| Desenvolvimento integral e competências
socioemocionais – *pág. 14*

| Personalização do ensino – *pág. 16*

| Mediação problematizadora – *pág. 16*

| Parceria com os estudantes na construção de estratégias
de estudo – *pág. 17*

| Avaliação formativa – *pág. 17*

| Parceria com as famílias e as comunidades – *pág. 17*

| Equipe escolar colaborativa – *pág. 18*

3 | FERRAMENTAS METODOLÓGICAS – *pág. 19*

3.1 | Princípio metodológico: gestão qualificada da aula – Ferramenta metodológica: Roteiro de gestão da aula – *pág. 20*

| O que é – *pág. 20*

| Procedimentos – *pág. 20*

3.2 | Princípio metodológico: conhecimento do contexto – Ferramenta metodológica: Diagnósticos colaborativos – *pág. 24*

| O que são – *pág. 24*

| Atividades sugeridas – *pág. 25*

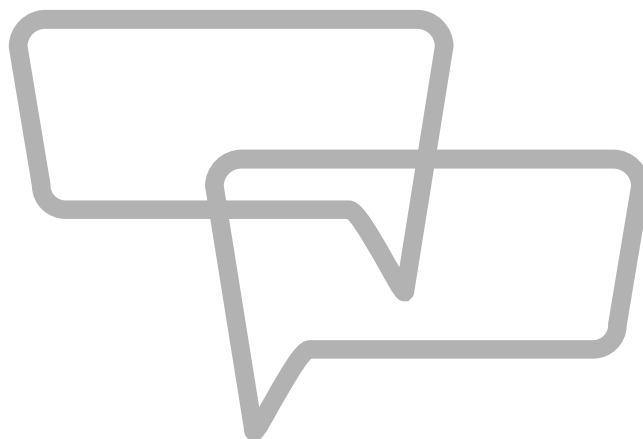
3.3 | Princípio metodológico: Parceria com os estudantes na construção dos seus projetos de vida – Ferramenta metodológica: Orientação de projeto de vida – *pág. 32*

| O que é – *pág. 32*

| Atividades sugeridas – *pág. 33*

4 | MATERIAL DE APOIO ÀS ATIVIDADES – *pág. 38*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – *pág. 60*



1 | **POR QUE** PROMOVER A APRENDIZAGEM ATIVA?

Porque é preciso promover o acesso de todos à Educação.

"Escolas para todos" e "escolas em que todos tenham boas oportunidades de aprender". Essas duas frases sintetizam o ideal da educação para todos. A primeira indica que é essencial que todas as pessoas tenham a oportunidade de ir à escola. Nesse aspecto, nosso país teve grandes avanços nos últimos anos. O dado do número de crianças de 7 a 14 anos matriculadas nas redes de ensino nos dá uma medida do amplo salto quantitativo alcançado: nos anos 1980, apenas 80% das crianças desse grupo estava na escola;¹ em 2015, o percentual foi de 97,7%.² Estamos muito próximos do ideal de universalização da oferta de vagas, e bem distantes do quadro de déficit dos anos 1980.

A segunda dimensão do acesso é o nosso grande desafio. Os indicadores relacionados à qualidade da aprendizagem indicam que há muito a se construir nesse âmbito. Dados de 2015 do portal QEdu, de estatísticas educacionais,³ apontam que, dos alunos de 5º ano do ensino fundamental, no Brasil, naquele ano, apenas 50% aprenderam o adequado em Língua Portuguesa, e somente 39% aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas em Matemática.

Diversos especialistas e institutos apontam que vivemos, no país, o "funil da educação básica": ao longo dos anos do percurso escolar, uma parcela significativa dos alunos acumula lacunas de aprendizagem e vive em situação de defasagem idade/série.

1 Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no artigo "Estatísticas da Educação Básica no Brasil" (disponível em: <<https://bit.ly/2EyXj5u>>. Acesso em: 10 abr. 2018).

2 Dados do movimento Todos pela Educação. Disponíveis em: <<https://bit.ly/2qjd1sF>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

3 Vide <<http://www.qedu.org.br/brasil/aprendizado>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

O "FUNIL DA EDUCAÇÃO BÁSICA"



De cada 100 estudantes que entram no 1º ano do Ensino Fundamental...



...32 estudantes concluem o Ensino Fundamental II na idade correta...



...e somente 16 estudantes concluem o Ensino Médio na idade correta.

Fonte: Dados compilados pelo Instituto Ayrton Senna a partir de estatísticas do MEC de 2014.

É possível reverter esse funil e avançar na oferta da educação de qualidade para todos? Diversos estudos, capitaneados por instituições de referência,⁴ indicam que, concomitantemente às discussões relacionadas ao incremento das políticas públicas e das

condições estruturais das escolas e suas equipes, um fator se destaca como chave para a transformação da Educação: a adoção de novas metodologias, conectadas ao contexto do estudante do século 21. É sobre esse tema que dialogaremos nessa formação.

4 Para o desenvolvimento deste caderno, compilamos uma série de publicações que têm como tema central as inovações metodológicas na educação, desenvolvidas pelas seguintes instituições: Instituto Ayrton Senna, Fundação Lemann, Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), Porvir e Movimento Todos pela Educação. Vide Referências Bibliográficas ao final do caderno.

EM FOCO, A APRENDIZAGEM ATIVA

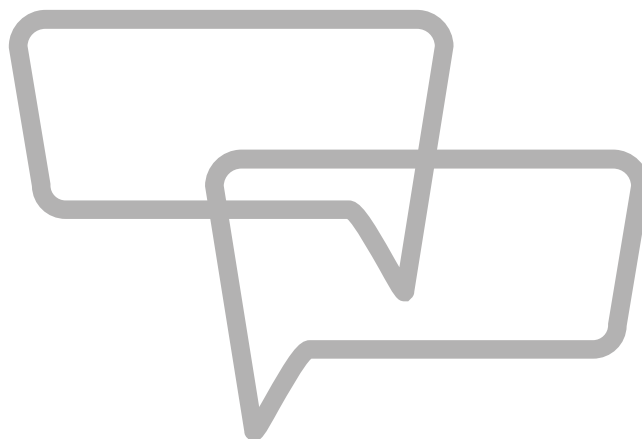
As inovações educacionais da atualidade convergem para uma ideia: a aprendizagem ativa. Segundo o especialista da Unicamp Ricardo Gudwin,⁵ trata-se do conjunto de práticas pedagógicas que abordam a questão da aprendizagem pelos alunos sob uma perspectiva diferente das técnicas clássicas de aprendizagem, tais como aulas discursivas, em que espera-se que o professor "ensine" e o aluno "aprenda". Na aprendizagem ativa, entende-se que o aluno não deve ser meramente um "recebedor" de informações, mas deve se engajar de maneira ativa na aquisição do conhecimento.

Nessa nova perspectiva, o foco recai nos objetivos de aprendizagem e na elaboração, pelo professor, de perguntas, tarefas, exercícios, projetos e desafios capazes de mobilizar os alunos a se constituírem investigadores e sujeitos da produção de conhecimentos. Nessa abordagem, o professor também é mobilizado, pois é chamado a deixar o lugar de "transmissor de informações" e se constituir um pesquisador criativo, que busca, desenvolve e promove formas de engajar o estudante, de forma protagonista, em processos dinâmicos, participativos e colaborativos de aprendizagem.

O conceito remonta às ideias de educação para a autonomia, preconizadas por Paulo Freire e por pensadores latino-americanos relacionados à educação emancipadora, como Mario Kaplún. Este último acredita que nada se aprende – ainda que o pressuposto seja que a educação consista em aprender – por transmissão, mas sim por elaboração própria e pessoal do educando. É só participando, envolvendo-se, fazendo-se perguntas e buscando respostas, que se chega ao conhecimento. Se adquire e se compreende o que se recria, o que se reinventa e não simplesmente o que se vê ou escuta. A educação não é um conteúdo que se introduz na mente do educando, mas sim um processo em que este se envolve ativamente.⁶

5 GUDWIN, Ricardo. **Aprendizagem ativa**. Disponível em: <<http://faculty.dca.fee.unicamp.br/gudwin/activelearning>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

6 KAPLÚN, Mario. **Hacia nuevas estrategias de comunicación en la educación de adultos**. Santiago (Chile): OREALC/UNESCO, 1983. p. 26-27.



2 | **COMO** PROMOVER A APRENDIZAGEM ATIVA?

2.1 | **O CONTEXTO:** educação para o século 21

Nosso século tem a transformação como marca principal. As tecnologias da comunicação conectaram e ampliaram de forma exponencial os fluxos de circulação da informação ao redor do mundo, aprofundando o processo de globalização. Vivemos conectados ao planeta, com a informação ao alcance de um clique.

Com a globalização, nossa sociedade experimenta, a um só tempo, processos de intensa massificação de padrões culturais (como os disseminados pela indústria do entretenimento), combinados a um momento sem precedente de oportunidades de experiência multicultural – de trocas e mesclas entre as mais variadas culturas de todo o planeta. A convivência com uma ampla diversidade de raças, culturas e modos de vida nos convida ao aprofundamento do diálogo e tolerância. Na contramão, fenômenos de intolerância, preconceito e racismo se aprofundam e se multiplicam.

Vida privada e vida pública se confundem nas interações vivenciadas no fenômeno das redes sociais. Nos processos produtivos, dispositivos mecânicos e

eletrônicos substituem cada vez mais o trabalho humano. Além disso, a cada momento, novas soluções tecnológicas surgem em todos os âmbitos da vida, fazendo com que a inovação incessante e a transitoriedade sejam nossa realidade cotidiana.

Vivemos, enfim, na Era do Conhecimento, em que se reestruturam as formas de perceber e de compreender o mundo, de interagir com as pessoas, de trabalhar e de produzir. Nesse contexto, não é suficiente ter acesso a um número cada vez maior de informações. É fundamental construir as habilidades para lidar com o contexto de mudanças contínuas.

Assim, no século 21, os processos de ensinar e de aprender se transformam e essa transformação reverbera na escola, que precisa arejar suas práticas. O ensino “tradicional”, focado na “transmissão de conteúdos”, perde o sentido. Mais do que nunca, a escola é convocada a ser parceira do estudante para que ele se torne capaz de aprender ao longo de toda a vida e de estabelecer diálogos críticos com o conhecimento.

Pilares propostos pela UNESCO

Foi com esse cenário em vista que a UNESCO, no final dos anos 1990, lançou um documento que seria um divisor de águas, a publicação *Educação: um tesouro a descobrir*.⁷ Fruto de um vigoroso trabalho desenvolvido por uma comissão internacional, o documento propunha as bases da educação para o século 21.

Tal publicação, hoje amplamente disseminada, merece nossa especial atenção, pois apresenta elementos chave para uma prática educativa conectada aos desafios do nosso tempo. Um deles é a importância de **educar o sujeito para “aprender a aprender”**. O documento aponta que, no contexto hiperinformacional contemporâneo, “uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança”.⁸

Por isso, a UNESCO recomenda que as crianças, desde o início da formação educacional, sejam incentivadas à busca do prazer de compreender, de conhecer e de descobrir, **à apreciação da alegria que se vivencia ao construir um conhecimento e ao realizar uma pesquisa, ampliando a compreensão do mundo. Defende que é preciso possibilitar que o estudante se aproprie dos processos e dos instrumentos necessários à construção do conhecimento: a pesquisa, a interpretação e a análise crítica das informações**, a contextualização de conceitos, informações e ideias – ações que exigem o exercício permanente da atenção, da memória e do pensamento.

Nesse contexto, conclui o documento da UNESCO, “a educação primária pode ser considerada

bem-sucedida se conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida”.⁹

Esse impulso e essas bases do aprender para toda a vida têm que ser construídos pelos alunos na realidade cotidiana da escola. E o principal agente articulador da oferta de oportunidades educativas ao aluno, no dia a dia da escola, é o professor.

As metodologias voltadas à promoção da aprendizagem ativa são aliadas do professor para que desenvolva, em sala de aula, atividades com ênfase no “aprender a aprender”. Para que apresente ao educando a perspectiva do gosto pela descoberta, pela pesquisa, pela busca incessante de uma maior compreensão do mundo. Para que mobilize o aluno a conhecer e se apropriar das ferramentas de estudo, pesquisa, de análise crítica das mais variadas informações.

Avançando no paradigma proposto pela UNESCO, além de oportunizar o desenvolvimento da habilidade de **conhecer** – que diz respeito à capacidade de aprender a aprender, a educação deve, de forma intencional e planejada, oferecer oportunidades para o desenvolvimento do estudante em outras três dimensões essenciais: **ser** – relacionada à construção de sua autonomia, o que envolve a capacidade de fazer escolhas bem fundamentadas, demandando um investimento contínuo na construção de sua identidade e seu projeto de vida; **conviver**, ligada à capacidade de relacionar-se de maneira colaborativa nas diversas interações que estabelece com o outro, a sociedade, a cultura, o ambiente e o planeta; e **fazer**, que concerne ao preparo para a vida profissional no contexto da economia do conhecimento e da inovação.

Para atuar em prol do desenvolvimento, pelo educando, das habilidades de conhecer, ser, conviver e fazer, o professor é convocado a buscar novas formas de ensinar.

- 7 UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/DuhBjH>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- 8 UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/DuhBjH>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- 9 UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/DuhBjH>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

2.2 | PROTAGONISMO DO PROFESSOR: a base das práticas de ensino

Em pesquisa recente da Fundação Carlos Chagas, envolvendo estudantes de todo o país,¹⁰ cerca de 60% dos alunos indicaram que “professores competentes e empenhados” e “com boas estratégias de ensino” estão entre os mais importantes facilitadores da aprendizagem.

O estudo aponta o que sabemos na prática: um bom professor marca, de forma positiva e profunda, a trajetória de desenvolvimento educacional e pessoal de uma criança, adolescente ou jovem. Sabemos, ainda, que ninguém nasce bom em nenhum ofício. É preciso investimento e esforço na qualificação e no aperfeiçoamento contínuo da prática. Por isso, o protagonismo docente é o alicerce de toda e qualquer inovação educacional.

Para construir o conceito de “protagonismo docente”, partimos da definição de “protagonismo juvenil”, também essencial em nossa proposta metodológica, que foi criado por Antonio Carlos Gomes da Costa, um dos mais expressivos nomes da educação contemporânea no Brasil.

O protagonista é a figura central de uma história. É o personagem que persegue os objetivos centrais de uma determinada narrativa e é decisivo para a construção do desfecho dessa trama.

No contexto da atuação docente, propomos que a ideia de protagonismo remeta a uma atuação corresponsável, conjugada com a dos demais sujeitos escolares (gestores, equipes, estudantes, famílias e comunidades), voltada à construção das melhores práticas para a promoção de oportunidades educativas de qualidade para os estudantes. Trata-se de uma busca que envolve o investimento permanente em qualificação, atualização profissional e pesquisa, e demanda um trabalho cuidadoso de preparação de aulas. Afinal, a aula padronizada e repetitiva sai de cena e cede lugar a atividades dinâmicas e criativas, que desafiam o aluno à construção crítica do conhecimento.

2.3 | O PROTAGONISMO DOCENTE NA PRÁTICA: princípios metodológicos

A partir de aportes das pesquisas e publicações que constituíram a base deste caderno,¹¹ combinados a um conjunto de recomendações elaborado pelo Centro de Referências em Educação Integral a partir de consulta a mais de cinquenta especialistas,¹² apresentamos a seguir um conjunto de princípios metodológicos, que podem ser aliados do professor interessado em ser protagonista da construção de uma ação educativa

que oportunize aprendizagens efetivas e o desenvolvimento integral de seus estudantes.

Neste e nos demais materiais didáticos da série Cadernos de Educação Solidária, detalharemos tais princípios em ferramentas metodológicas e em sugestões de práticas de ensino para o dia a dia da sala de aula.

10 FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Anos finais do ensino fundamental**: aproximando-se da configuração atual. 1º dez. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2827/desafios-de-uma-fase-de-ensino-pouco-explorada>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

11 Vide o item Referências Bibliográficas.

12 Ver o texto “Qual o papel dos professores e como estimular a participação dos estudantes?”, conteúdo disponibilizado pelo Centro de Referências em Educação Integral em: <<https://bit.ly/10k3o8Y>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Gestão qualificada da aula

Neste caderno, apontaremos uma série de princípios metodológicos capazes de promover inovações nos modos de ensinar e de aprender na escola, em diálogo com as famílias e comunidades.

Todos os princípios e todas as ferramentas metodológicas propostos têm um alicerce em comum: a gestão

estratégica da aula, que envolve procedimentos simples que possibilitam o uso adequado do tempo e dos espaços, a interação aberta e clara com os alunos, além de estimular a participação e de possibilitar que as atividades sejam avaliadas e aprimoradas por todos os envolvidos, cotidianamente.

Conhecimento do contexto

Conhecer, problematizar e promover reflexões sobre o contexto social e cultural dos alunos é uma diretriz metodológica calcada no conceito de educação problematizadora e libertadora, defendido por Paulo Freire. Ao propor que as pessoas constroem, e não recebem a educação, são sujeitos, e não objetos da prática educativa, Freire colocou em evidência a conexão entre educação e vida.

Assim, defendeu que a realidade concreta, o contexto histórico, social, econômico, familiar e cultural do educando precisa ser objeto de contínua investigação e reflexão. Afinal, “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que se propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem

homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa”.¹³

Dessa forma, a essência da prática educativa libertadora proposta por Freire é desafiar continuamente os educandos, convocando-os a “pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente”.

Para que isso seja possível, o professor precisa conhecer e manter uma postura investigativa em relação ao contexto de vida dos alunos. Faz-se necessário o desenvolvimento, de forma ininterrupta e com a participação estudantil, de ações e atividades de diagnóstico, de pesquisas e intercâmbios que gerem conhecimentos sobre a realidade do aluno, da sua família e da comunidade em que a escola está inserida.

Parceria com os estudantes na construção dos seus projetos de vida

Se, como defendeu Freire, educar é criar oportunidades para que o aluno problematize e amplie paulatinamente sua compreensão da realidade vivida, os sonhos, as aspirações, os desafios e as dificuldades experimentadas pelos educandos são elementos de grande relevo para as práticas educativas.

Por isso, é essencial que o educador busque conhecer os interesses, os anseios e os sonhos de seus alunos. E que vá além: seja um aliado do aluno na identificação

de seus propósitos e na construção de caminhos para a concretização de tais propósitos.

Nessa perspectiva, a ação educativa ativa deve contemplar atividades intencionais, sistemáticas e continuadas de orientação e de apoio aos alunos na construção de seus projetos de vida e no traçado de estratégias para alcançar seus objetivos.

O QUE É PROJETO DE VIDA?

Segundo Antonio Carlos Gomes da Costa,¹⁴ o projeto de vida corresponde a um “sonho com degraus”. É a capacidade que as pessoas têm de traçar uma proposta, elaborar planos de vida para si mesmas e saber como realizá-los. Implica também a definição de objetivos e metas de curto, médio e longo prazos. Trata-se de um processo de autoconhecimento, de identificação dos desejos, de desenvolvimento das potencialidades e de revisão de valores pelos alunos.

Costa destaca que a escola pode e deve ajudar o estudante a construir tal projeto, incentivando-o a refletir sobre quem ele é e quem gostaria de ser, e ajudando-o a refletir sobre e a planejar o caminho que ele precisa seguir para alcançar o que pretende ser.

Ele defende, por fim, que o trabalho com projeto de vida na escola é essencial, pois possibilita que os alunos descubram a necessidade de projetar seus sonhos e desejos em forma de ações, bem como vivenciem a experiência de construção dessas ações com o apoio dos professores, da equipe escolar e da família.

Fomento ao protagonismo juvenil

Para que a educação faça sentido para o estudante, é preciso promover o protagonismo desse aluno: reconhecê-lo como autor e proponente do seu próprio processo pedagógico e abrir espaço para que ele seja propositos e realizador de projetos de intervenção positiva na escola e na comunidade.

PROTAGONISMO JUVENIL: O QUE É E COMO PRATICÁ-LO

Reproduzimos, abaixo, trechos do texto “Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo”, de Antonio Carlos Gomes da Costa.¹⁵ Na publicação, Costa, que é o criador dessa expressão, apresenta tal conceito e dá orientações para a sua implementação na escola.

Educar é criar espaços para que o educando possa empreender ele próprio a construção do seu ser, ou seja, a realização de suas potencialidades em termos pessoais e sociais.

O educando, no interior dessa visão, passa a ser visto não como recipiente, mas como fonte autêntica de iniciativa, compromisso e liberdade. Fonte de iniciativa significa que o educando deve agir, ou seja, não deve ser apenas um espectador ou um receptor do processo pedagógico. Ele deve situar-se na raiz mesma dos acontecimentos, envolvendo-se na sua produção. Fonte de liberdade significa que o educando deve ter diante de si cursos alternativos de ação, deve decidir, fazer opções, como parte do seu processo de crescimento como pessoa e como cidadão. Fonte de compromisso significa que o educando deve responder pelos seus atos, deve ser consequente nas suas ações, assumindo a responsabilidade pelo que faz ou deixa de fazer.

14 COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Socioeducação**: estrutura e funcionamento da comunidade educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2006.

15 COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: o que é e como praticá-lo. Salvador: Instituto Aliança, [s.d.]. Disponível em: <http://www.institutoalianca.org.br/Protagonismo_Juvenil.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

O termo "protagonismo juvenil" vem do grego. *Proto* quer dizer 'primeiro', 'principal'. *Agon* significa 'luta'. *Agonista*, 'lutador'. "Protagonista", literalmente, quer dizer 'o lutador principal'. No teatro, o termo passou a designar os atores que conduzem a trama, os principais atores, o mesmo ocorrendo também com os personagens de um romance.

No nosso caso, ou seja, no campo da educação, o termo "protagonismo juvenil" designa a atuação do jovem como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais. O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla.

ETAPAS PRESENTES NA ESTRUTURAÇÃO DE PROJETOS DE PROTAGONISMO JUVENIL

A | Iniciativa da ação: decidir **se e o que** deve ser feito diante de uma determinada situação-problema.

B | Planejamento da ação: definir quem vai fazer **o quê, como, quando, onde e com que recursos**.

C | Execução da ação: **pôr em prática** aquilo que se planejou.

D | Avaliação: **verificar** se os objetivos foram atingidos, **analisar** o que deu certo, o que precisa ser evitado e o que precisa ser melhorado no desempenho do grupo.

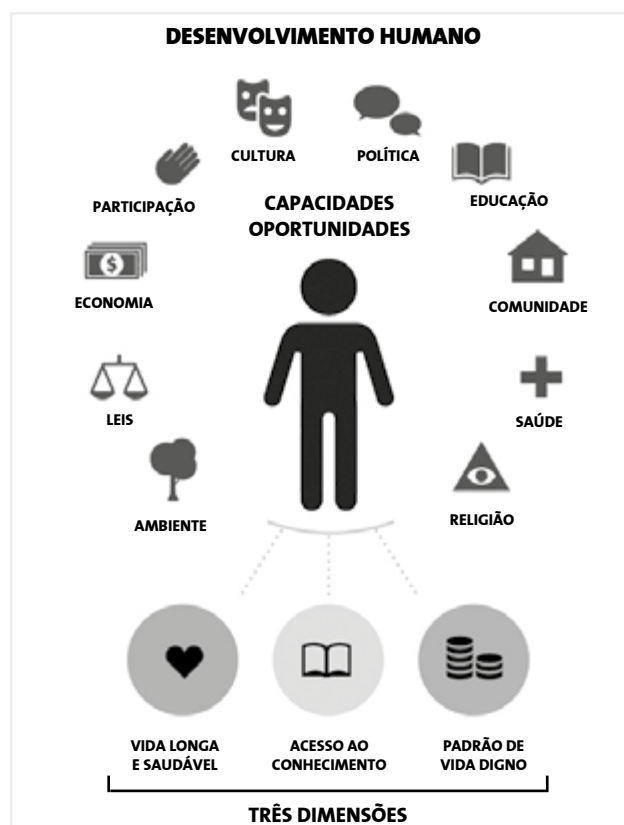
E | Apropriação dos resultados: **decidir coletivamente** o que fazer com os resultados, **a quem atribuí-los**, e, no caso de resultados materiais e/ou financeiros, **como utilizá-los**.

Desenvolvimento integral e competências socioemocionais

A educação deve abarcar os sujeitos em sua integralidade – considerando, de forma integrada, suas demandas de desenvolvimento nos diferentes âmbitos da existência: físico, intelectual, emocional, relacional, social e cultural.

Essa abordagem tem como horizonte o ideal de promoção do desenvolvimento humano pleno. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o desenvolvimento humano é o processo de **ampliação das liberdades** das pessoas, com relação às suas capacidades e às **oportunidades a seu dispor para que elas possam escolher** a vida que desejam ter.

O processo de expansão das liberdades inclui as **dinâmicas sociais, econômicas, políticas e ambientais necessárias para garantir uma variedade de oportunidades** para as pessoas, bem como o ambiente propício para que cada uma exerça, na plenitude, seu potencial. Assim, o desenvolvimento humano deve ser centrado nas pessoas e na ampliação do seu bem-estar.



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano – PNUD Brasil, [s.d]. Disponível em: <<http://goo.gl/Q9sdpw>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Nessa perspectiva da ação educativa em prol do desenvolvimento pleno do sujeito, abre-se caminho à compreensão de que, tão importante quanto atuar pelo incremento do aspecto cognitivo do aluno é realizar, de forma intencional e sistemática, atividades que incrementem as habilidades que cada pessoa tem para lidar com as próprias emoções, para se relacionar com os outros e para gerenciar objetivos de vida:¹⁶ as competências socioemocionais.

A Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017) destaca a importância dessas competências, ao afirmar que elas “consustanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de

aprendizagem e desenvolvimento”, ao mobilizar “conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”.¹⁷

Há amplos e variados estudos, em diferentes países – incluindo o Brasil – voltados à identificação e à caracterização dessas competências. Mas, mais importante que nos preocuparmos em criar categorias e nomear as competências, é realizar práticas educativas que possibilitem o seu desenvolvimento.

QUE COMPETÊNCIAS DESENVOLVER?

Nesta série, com base nas proposições da BNCC e dos estudos mais aprofundados existentes no Brasil acerca do tema,¹⁸ propomos o desenvolvimento intencional, planejado e sistemático das seguintes competências:

PENSAMENTO CRÍTICO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: O pensamento crítico diz respeito à curiosidade intelectual e à capacidade de formular uma análise própria e aprofundada de ideias e fatos, investigando os elementos que os constituem e as conexões entre eles, utilizando conhecimentos prévios e formulando sínteses. Já a dimensão da resolução de problemas engloba a capacidade de mobilizar-se diante de um problema, lançando mão de conhecimentos de diferentes áreas, e ainda de variadas estratégias para resolvê-lo. Aprender com o processo, aplicando as soluções em outros contextos, também é um atributo desejável desta competência.

AUTOGESTÃO: Capacidade de gerir as próprias emoções e ações, ajustando-se a variadas situações pessoais e sociais. Inclui saber adaptar-se a situações de estresse, controlar impulsos, ser capaz de estabelecer e de se esforçar para atingir metas pessoais, perseverando frente a adversidades. Também engloba o agir de forma organizada e disciplinada.

A base da autogestão é o autoconhecimento, ou o conhecimento de si, que permite ao sujeito fazer escolhas e tomar decisões acerca de questões pessoais e coletivas com base em seus valores e em seu projeto de vida. Essa competência diz respeito, ainda, a apreciar-se e a cuidar da saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

COMUNICAÇÃO: Ser capaz de interagir em situações comunicativas diversas; de compreender e fazer-se compreender em diferentes contextos, respeitando os

valores e atitudes dos sujeitos envolvidos nas interações. Essas são as características principais de tal competência, que também abarca o manejo de variadas linguagens – como verbal, escrita, corporal, visual, sonora e digital – para expressar-se e trocar informações e experiências, e ainda para produzir o entendimento mútuo. Se relaciona, ainda, à utilização crítica e criativa das tecnologias da informação.

16 Conceito de competências socioemocionais preconizado pelo Instituto Ayrton Senna.

17 BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>>. Acesso em: 1º dez. 2017. p. 8.

18 Estudos e publicações do Instituto Ayrton Senna, Instituto Inspirare e a BNCC (todos elencados no item Referências Bibliográficas) foram as bases utilizadas.

Está ligada, por fim, à capacidade de argumentar, de maneira ética, em processos de formulação, negociação e defesa de ideias e pontos de vista.

COLABORAÇÃO: É a capacidade de agir de modo não egoísta, contemplando a perspectiva e as necessidades do outro, adotando uma postura de generosidade e de tolerância nas relações cotidianas. Diz respeito, ainda, a atuar em sinergia e com responsabilidade compartilhada, respeitando diferenças e decisões comuns, adaptando-se a situações sociais variadas. Conjuga empatia, disposição ao diálogo e respeito à diversidade.

Também se relaciona à extroversão, que é a orientação de interesses e energia em direção ao mundo externo, adotando atitudes amigáveis, sociáveis, autoconfiantes e entusiasmadas.

ABERTURA PARA O NOVO: postura aberta e receptiva a novas experiências estéticas, culturais e intelectuais. O indivíduo aberto a novas experiências caracteriza-se como imaginativo, artístico, curioso, questionador e com amplos interesses.

Personalização do ensino

A personalização do ensino é a construção de estratégias pedagógicas voltadas a promover o desenvolvimento dos estudantes de maneira individualizada, respeitando as limitações e os talentos de cada um. Trata-se de colocar o aluno no centro da aprendizagem, de levar em consideração que as pessoas aprendem de formas e em ritmos diferentes, já que também são diversos seus conhecimentos prévios, competências e interesses.

Com base nisso, é uma prática que envolve a realização, no mesmo espaço da sala de aula, de

atividades diferenciadas, de acordo com as particularidades dos grupos de estudantes que a integram.

A personalização do ensino diz respeito a educar com empatia, acolhendo as diferenças, reconhecendo que cada estudante é único, aprende de uma forma diferente e vive em um contexto próprio. Além disso, propõe enxergar o estudante como um sujeito que constrói sua identidade a partir de vivências em variados contextos, e não apenas na escola.

Mediação problematizadora

É a postura de trabalho adotada pelo professor que se propõe a ser um mediador, um facilitador e um articulador do conhecimento, provocando o aluno a aprender a partir de seus próprios questionamentos.

Para essa mediação, é preciso estabelecer uma relação mais igualitária e dialógica com os estudantes,

reconhecendo seus saberes e legitimando a sua capacidade de contribuição com seu próprio processo formativo.

Outro aspecto essencial dessa mediação é a problematização do conhecimento. Enfatizamos que problematizar e fomentar a problematização são ações que

merecem especial atenção na prática docente – posto que diversos estudos indicam que aprender é tornar-se capaz de criar e resolver problemas. Pesquisadores como Philippe Perrenoud (autor de *Construir as competências desde a escola*, livro de 1999) defendem que o desenvolvimento da aprendizagem se dê pelo enfrentamento constante e intenso de situações-problema complexas, em contextos que lhes deem sentido.

Também está em jogo, na mediação problematizadora, o fomento à pesquisa, a prática de convidar os estudantes à percepção da realidade como objeto de estudo, conjugada a proposições mais sistemáticas de atividades e de projetos de pesquisa. Também é oportuno propor roteiros de pesquisa que integrem disciplinas tradicionais com saberes acadêmicos, comunitários e populares locais.

Parceria com os estudantes na construção de estratégias de estudo

Criar oportunidades para que o aluno “aprenda a estudar”, auxiliando-o no diagnóstico de suas necessidades e potencialidades, bem como na construção de planos de estudo – de planejamentos estruturados dos estudos fora da sala de aula. Essa é uma ação docente muito necessária, uma vez que o aluno, ao longo da adolescência, vai ganhando paulatinamente autonomia (vai diminuindo a dependência do adulto

para as suas atividades cotidianas), atinge um estágio de enorme potencial cognitivo e vive um afloramento do pensamento crítico. Assim, é preciso garantir que ele experimente processos cada vez mais autônomos e protagonistas de construção de aprendizagem e, ainda, aproprie-se de formas cada vez mais organizadas e sólidas de hábitos de estudo.

Avaliação formativa

Avaliar é promover uma análise crítica acerca de determinado processo, ação ou produto, com o objetivo de construir reflexões, conhecimentos e perspectivas de aprimoramento do elemento avaliado. Essa acepção geral, que também vale para a educação, associa a avaliação a oportunidades de aprender sobre e de incrementar algo.

Por isso, a avaliação da aprendizagem não pode ser confundida com a mera aplicação de provas e atribuição de notas. O professor precisa avaliar, de forma estratégica, contínua e diversificada, todos os

processos de ensino-aprendizagem, em conjunto com seus estudantes. É essencial, ainda, promover processos avaliativos que estimulem os estudantes a reconhecerem o que precisam fazer para alcançar seus objetivos individuais e coletivos.

Nessa perspectiva, o educador se habilita a adotar a avaliação como um valioso recurso para o aprimoramento contínuo dos processos educativos, ampliando o seu protagonismo e o protagonismo dos estudantes na construção dos percursos formativos.

Parceria com as famílias e as comunidades

Como bem aponta o Cenpec,¹⁹ a educação deve ser uma prática de promoção do desenvolvimento do ser humano como pessoa, cidadão e sujeito da sua

história. Envolve, portanto, uma pergunta básica: o que entendemos por ser humano, que pessoa estamos

19 MATHIAS, Antonio Jacinto. “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.”. Disponível em: <<https://bit.ly/2uZ3v2k>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

formando, que cidadão estamos preparando, que sujeito reconhecemos?

Essa pergunta não é exclusiva da escola. Ela precisa ser compartilhada com as famílias das crianças e dos adolescentes. Afinal, as famílias são os espaços basilares para a construção das identidades e das referências para os relacionamentos afetivos e sociais dos estudantes.

Por isso, é essencial que as equipes escolares conheçam as famílias de seus alunos, bem como estabeleçam espaços e práticas que criem e fortaleçam os vínculos com a família.

Além disso, se a educação é entendida como formação integral do ser humano, ela se configura num processo complexo, que necessita de envolvimento e da corresponsabilidade de toda a sociedade. Por isso, há um ditado africano que diz que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.

Esse entendimento de educação integral, destaca o Cenpec, pressupõe uma aposta na diversidade de

espaços educativos e na ampliação “de repertórios relacionais, culturais, científicos, artísticos, todos importantes para a criação de significados, compreensão da realidade e aumento da capacidade de intervenção positiva”.

É necessário, portanto, compartilhar a tarefa de educar com a sociedade. Para isso, é importante que as escolas e seus professores tenham uma agenda de atividades voltadas a promover trocas, colaboração e atuação em rede com as comunidades de seu entorno.

Dessa forma, entra em cena o conceito de **comunidades de aprendizagem**. Roseli de Mello, pesquisadora que vem desenvolvendo o conceito no Brasil desde 2003, indica que, nas comunidades de aprendizagem, há diversificação de interações e atividades. Ou seja, vários atores participam dos processos educativos: familiares e comunidade, além de professores e alunos. Além disso, as situações de troca extrapolam as salas de aula. Com isso, ocorre um expressivo aumento das oportunidades de acesso ao conhecimento na comunidade.²⁰

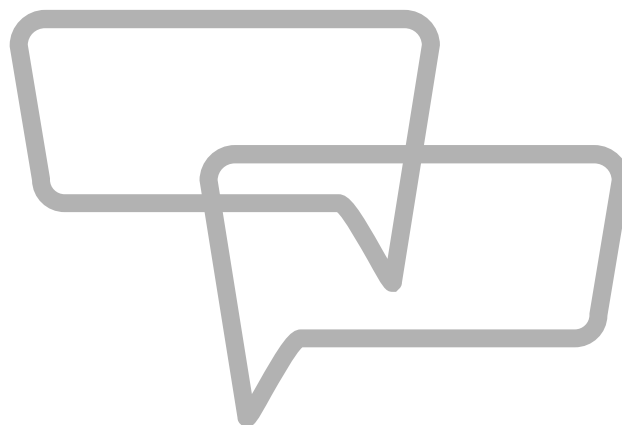
Equipe escolar colaborativa

Se entendemos a educação como um processo transdisciplinar, que compreende a construção ativa de conhecimentos por todos os envolvidos, a palavra “colaboração” é um ingrediente que não pode faltar. Há muito tempo, a figura do professor trabalhando isolado na transmissão de conteúdos perdeu o sentido.

Para uma ação educativa transformadora, é preciso, frente aos complexos desafios dos dias atuais, trabalhar de forma colaborativa com outros professores e com toda a equipe da escola, criando comunidades de aprendizagem para compartilhar desafios e para articular estratégias.

Na mesma perspectiva, é essencial que a equipe docente tenha estreita parceria com a equipe gestora – e vice-versa –, no sentido não só de apontar necessidades de infraestrutura e administrativas, mas de propor projetos e ações dentro da perspectiva da educação ativa e de construir atividades formativas que extrapolem as salas de aula. Outro ponto importante é a coerência: todos devem atuar em sintonia com as diretrizes pedagógicas da escola – cada um compreendendo o seu papel, identificando e cumprindo suas metas, que devem “jogar a favor” das metas de qualidade de ensino da escola como um todo.

20 INSTITUTO INSPIRARE. **Pesquisa ajuda a definir comunidades de aprendizagem**. Disponível em: <<https://bit.ly/2l-F8R4X>>. Acesso em: 10 abr. 2018.



3 | FERRAMENTAS **METODOLÓGICAS**

A cada bimestre, desdobraremos os princípios metodológicos anteriormente elencados em ferramentas metodológicas e em dicas de atividades práticas. Neste primeiro bimestre, nosso foco recai sobre as ferramentas relacionadas à gestão da aula e à orientação de projeto de vida.



3.1 | PRINCÍPIO METODOLÓGICO: **GESTÃO QUALIFICADA DA AULA**

FERRAMENTA METODOLÓGICA: ROTEIRO DE GESTÃO DA AULA

O QUE É

Conjunto de cuidados, a serem adotados em todas as aulas, voltados à construção de um ambiente adequado a processos de aprendizagem ativa, participativa e colaborativa.

PROCEDIMENTOS²¹

PREPARAÇÃO DA AULA

A preparação adequada da aula é um cuidado fundamental. Ao fazê-la, o professor deve estar atento a uma série de aspectos que são decisivos para a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento das atividades com foco, autonomia e cooperação. Também é essencial a atenção à forma de acolhimento e ao diálogo, para que seja construída uma sólida e frutífera parceria com os adolescentes e jovens.

Listamos, a seguir, os procedimentos indispensáveis à preparação das aulas.

²¹ Adaptado de INSTITUTO AYRTON SENNA. **Projetos de Vida**: acompanhando o aluno na análise e apropriação de sua trajetória escolar e em suas escolhas para o presente e o futuro (orientações para planos de aula do projeto Solução Educacional para o Ensino Médio). São Paulo: 2014. Mimeografado.

Organização do espaço: Se você busca alternativas mais dialógicas à perspectiva transmissiva da aula expositiva, varie a forma de dispor as carteiras na sala. Cadeiras em roda ou agrupadas em pequenos grupos favorecem o **diálogo, o debate e o trabalho coletivo**. Todos podem se enxergar e a interação é estimulada.

Outro aspecto crucial é a **arrumação do espaço e dos materiais**. Diversos estudos demonstram que há uma influência mútua entre organização do ambiente e comportamento. Um **ambiente limpo, arrumado, com os materiais necessários dispostos de forma harmônica e adequada para as atividades** é um elemento facilitador de um trabalho com foco e concentração. Já o contrário – um espaço “bagunçado” – é um convite à dispersão.

DESENVOLVIMENTO DA AULA

Gestão do tempo e da atenção: cada aula deve ter um **objetivo claro** e um conjunto de **atividades essenciais** à consecução de tal objetivo. Por isso, é importante que, a cada dia, seja cumprido um ciclo de atividades previamente planejadas. Para que isso seja possível, é necessário que o tempo seja bem utilizado e que a dispersão seja evitada. O professor deve estar atento e atuar para que essas duas condições sejam garantidas.

Monitoramento da participação: a **atenção individualizada** ao processo educativo de cada aluno é o fundamento da mediação qualificada do professor. Portanto, a participação de cada estudante tem muito valor. Tal **participação deve ser monitorada dia a dia** pelo professor.

Para isso, um instrumento básico, a ser utilizado todos os dias, é a aferição de presença. Adotar um “diário de bordo”, para registros básicos sobre as participações, sobre quem ficou mais retraído, sobre as dúvidas e discussões pode ser uma ação que incrementa esse monitoramento e ajude na percepção dos pontos de melhoria para o estímulo à participação dos alunos.

Tradução dos princípios metodológicos em práticas efetivas: para que as metodologias se concretizem nas práticas educativas, é preciso que elas estejam impregnadas nas ações cotidianas. Isso significa a atenção do professor para que cada atividade seja adequadamente planejada e estruturada, e para que o acompanhamento do percurso formativo dos alunos seja feito de forma estratégica e alinhado às metas buscadas.

Para isso, é necessário o exercício da **presença pedagógica**, ou seja, de uma atitude de acolhimento, escuta, compromisso, exigência e reciprocidade do professor em relação ao aluno.

A partir do que foi discutido acima, segue um resumo dos procedimentos e atitudes a serem observados.

1 | Preparar a sala junto com os alunos, colocando as cadeiras na configuração prevista para o dia e dispondo o mobiliário, os pertences de todos e os materiais necessários às atividades do dia de forma organizada.

2 | Abrir o encontro com uma boa acolhida e uma boa conversa: os primeiros minutos da aula são decisivos para “aquecer” ou “esfriar” os alunos para as atividades propostas. Acolher bem e propor um bom papo fazem toda a diferença nesse momento. E um “bom papo”, aqui, vem carregado de intencionalidades educativas, a saber:

Avaliação em processo: ao menos uma vez a cada quinze dias, convide os seus alunos a falarem de sua vivência escolar e das experiências vivenciadas nas aulas de sua disciplina. Nessa conversa, à medida que as experiências e dificuldades forem relatadas, sugira reflexões (individuais e coletivas) sobre os processos em curso, destaque as conquistas e os desafios.

No tocante ao processo reflexivo a ser fomentado nesse momento, o essencial é problematizar com os alunos as escolhas que eles têm feito. É por meio de uma reflexão própria sobre suas escolhas que os estudantes ganham autonomia para gerir seus estudos, ações e atitudes.

Propomos, aqui, que, ao invés de condenar de forma efusiva determinados comportamentos e práticas considerados inadequados, o professor convide o aluno a se implicar no processo, a construir uma crítica própria, avaliando suas ações à luz de seus objetivos de vida. Para que aconteça de forma efetiva, essa construção de sentido tem que ser fundamentalmente do aluno. Lembramos que é necessário empenho – do professor e do estudante – na superação, pelo jovem, da prática da disciplina exterior pela disciplina interior (que envolve a autonomia, a autodeterminação e a autodisciplina).

Pacto de trabalho: oriente os adolescentes sobre como espera que eles trabalhem, apresentando ou reapresentando a eles os combinados – que devem ser estabelecidos, de forma consensual, no início do ano – sobre como atuar individual e coletivamente.

Observação: a plataforma *online* Faz Sentido disponibiliza um modelo de quadro para o registro de combinados da turma em relação a um clima harmônico, estimulante, cooperativo, respeitoso, participativo e cuidadoso. Caso tenha interesse, você pode baixar o quadro em: <<https://bit.ly/2qm6Xi4>> (acesso em: 10 abr. 2018).

Apresentação da proposta de trabalho do dia: apresentar as atividades previstas e expor de forma clara o seu objetivo é essencial para que os alunos compreendam o sentido e se envolvam com o que está sendo proposto. Dialogar sobre as intenções de cada atividade é um aspecto central a ser observado a cada encontro com a turma de estudantes.

3 | Estar atento ao uso do tempo, ao foco da turma e à concentração em relação às atividades de cada dia é uma ação que possibilita que os objetivos previstos para cada estágio formativo sejam alcançados.

Assim, é necessário que o professor **explique de forma clara o percurso** a ser traçado na aula, destacando os pontos que mereçam mais atenção da turma. Em seguida, ele deve informar o tempo destinado a cada atividade e propor um combinado em relação a como será feito o controle desse tempo (se vai ficar a cargo dele ou de algum aluno, em que momentos e como serão feitos os avisos de que o tempo de cada atividade está se esgotando, etc.).

É muito importante, por fim, o cuidado em detectar os momentos de dispersão, chamando a atenção para o foco da atividade, sempre que houver situações de falta ou perda de concentração.

4 | Exercitar a presença pedagógica por todo o tempo, dando voz aos alunos, estimulando a participação de todos, ouvindo-os atentamente, comunicando-se com eles de forma clara e compreensível, chamando-os pelos nomes, demonstrando que todos são importantes.

5 | Desenvolver as atividades com atitude problematizadora e acompanhamento estratégico, o que envolve:

Indicar referências (pessoas, conteúdos, conceitos, materiais, etc.) que ampliem os aprendizados dos alunos ao longo das experiências propostas. É fundamental, aqui, o cuidado em não dar “respostas prontas” ou apontar soluções acabadas para os problemas enfrentados. Trata-se de indicar possibilidades, de apresentar elementos que funcionem como balizas ao longo do caminho e tornem mais vasto o repertório dos participantes.

Promover a apropriação de instrumentos de pesquisa. Cada atividade proposta deve ser um passo rumo ao incremento da relação entre o aluno e o conhecimento. Para isso, as atividades práticas devem ser vivenciadas como oportunidades de pesquisa intencional e metódica, e não como ações casuais. É vital, portanto, que você chame a atenção para a necessidade de procedimentos adequados de coleta, seleção, interpretação, análise, organização e compartilhamento de dados e informações.

6 | Contextualizar cada atividade em relação aos objetivos de desenvolvimento escolar e integral dos alunos. O aluno precisa perceber que as atividades da escola têm sentido em sua vida. Precisa compreender que há uma intensa conexão entre os conhecimentos trabalhados na escola, a realidade social, o mundo do trabalho e a sua vida prática – incluindo o caminho a ser trilhado para a concretização de seus objetivos e sonhos.

O professor tem um papel importantíssimo no processo de dar visibilidade a essa conexão. Sua tarefa é explicar, despertar a curiosidade, problematizar as experiências, relacionando-a com o momento de vida do aluno, bem como com o seu contexto (família, comunidade, cultura e sociedade).

7 | Articulação dos processos vivenciados e o desenvolvimento de competências socioemocionais. É necessário que os alunos reconheçam as competências socioemocionais estimuladas e desenvolvidas nas aulas, e ainda que compreendam o significado e a importância de tais competências para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Os alunos precisam saber, enfim, que um objetivo importante da escola é que eles desenvolvam essas competências, que são essenciais para uma vida plena. Também é preciso lembrá-los que, de tempos em tempos, deverão se perguntar em que medida eles estão alcançando esse objetivo.

Por meio desses procedimentos e cuidados, acreditamos que é possível criar um bom clima de trabalho nas aulas – marcado, ao mesmo tempo, pelo envolvimento de todos e pela leveza. Leveza que nasce num ambiente de diálogo aberto e tranquilo, de mobilização e cooperação a partir de sentidos compartilhados e de objetivos em comum.



3.2 | PRINCÍPIO METODOLÓGICO: **CONHECIMENTO DO CONTEXTO**

FERRAMENTA METODOLÓGICA: DIAGNÓSTICOS COLABORATIVOS

O QUE SÃO

“Diagnósticos colaborativos” é um termo que propomos para designar processos de construção coletiva em que os participantes elaboram representações visuais de territórios e das redes de relação neles presentes, de processos e suas cronologias, ou realizam levantamentos relacionados aos sujeitos que atuam em determinado contexto. Em todas as situações, o fio condutor – seja da construção de mapas de afetos, ou de linhas do tempo, ou de levantamentos – são as relações, os afetos, os laços tecidos pelas pessoas entre si, com os seus territórios e com os fazeres cotidianos.

Nas atividades de produção colaborativa desses diagnósticos, cada um tem espaço para apontar como percebe um determinado contexto e o que neles é mais importante. Do cruzamento de percepções, são construídas representações coletivas.

Os diagnósticos colaborativos estão ligados a metodologias de pesquisa participativa, nascidas nos anos 1970, como a pesquisa-ação e as ferramentas de Diagnóstico Rural Participativo.

Na Educação, tais ferramentas vêm sendo usadas em processos voltados para levantar as percepções, as interpretações e as relações que comunidades escolares (ou membros delas) estabelecem com seus espaços, histórias e redes.

Em propostas educativas calcadas no protagonismo dos sujeitos, na problematização e na colaboração, ferramentas dessa natureza são essenciais, pois possibilitam que as identidades dos estudantes e o seu contexto de vida sejam representados em criações coletivas, elaboradas por eles mesmos, em processos dialógicos e reflexivos.

Ao criar, com seus alunos, essas representações, os professores qualificam sua ação educativa, abrindo um espaço de diálogo com suas turmas e construindo uma compreensão mais aprofundada acerca dos sujeitos que habitam a sala de aula. Ampliam-se, assim, as possibilidades de uma educação com sentido e empatia.



DICA: Caso tenha interesse em saber mais sobre essa ferramenta metodológica, e mesmo em conhecer e se apropriar de outras ferramentas de facilitação de processos de reflexão coletiva e colaborativa (ferramentas que, acreditamos, são facilmente aplicáveis aos contextos da escola e da sala de aula), sugerimos que consulte as publicações “Ferramentas de diálogo – qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo” e “Metodologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos”. Tais publicações estão listadas no item “Referências bibliográficas” deste caderno.

ATIVIDADES SUGERIDAS



ATIVIDADE 1

MAPEANDO REDES E SABERES | MAPA AFETIVO COLABORATIVO DA COMUNIDADE

“Mapas ajudam a entender o mundo ao redor, e a entender o nosso lugar nele. Também tornam visíveis pessoas, sentimentos, histórias que não estão nos mapas oficiais” (Andre Deak, produtor multimídia e professor).

OBJETIVOS

- Promover a criação coletiva, pela turma de alunos, de um mapa afetivo colaborativo no qual os estudantes identifiquem, no território em que moram, quem vive naquele espaço; quais são as comunidades, grupos, instituições e empresas; quais são os espaços públicos; quais são os grupos e os fazeres culturais e artísticos; quais são os espaços acessados pelos adolescentes (e quais não são).
- Promover reflexões dos adolescentes, ao longo do processo de criação, sobre como enxergam o território e que relações estabelecem com o mesmo e com os variados grupos e instituições que o configuram.
- A partir dos mapas criados, promover, junto com os adolescentes, a seguinte reflexão: como a escola, por meio de seus próprios alunos, pode estreitar relações com as redes de arte, de cultura e de conhecimento da comunidade?

MATERIAIS NECESSÁRIOS

A superfície do mapa colaborativo, que deve ser grande (no mínimo tamanho A1), pode ser um corte de pano (por exemplo: algodão cru), ou um pedaço de papel kraft ou papel cartão. Já para a elaboração das imagens sobre o mapa, valem os mais diversos materiais: canetões e canetinhas coloridas, tinta (guache ou para tecido) de cores diversas, cola colorida, elementos do dia a dia (como folhas, flores, fitas, retalhos).

Caso haja interesse, também é possível trabalhar com bordados. Na seção “Materiais de Apoio”, ao final deste caderno, disponibilizamos exemplos de mapas afetivos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade deve ser realizada ao longo de duas ou três aulas, com a seguinte sequência:

- Inicie a atividade explicando a proposta aos grupos de estudantes: que eles elaborem um mapa diferente, em que deverão desenhar o contorno do território de sua comunidade e, dentro desse contorno, desenhar, colar, pintar, montar imagens que representem o que existe de mais importante nela, em sua percepção.
- Divida a turma em grupos de até dez alunos. Cada grupo fará um mapa.
- Peça que tenham em mente que deverão incluir, nos mapas, as comunidades, grupos, instituições e empresas; os espaços públicos; os grupos e os fazeres culturais e artísticos; e os espaços acessados pelos adolescentes (e quais espaços não são abertos aos adolescentes).
- Combine que, em cada grupo, todos deverão dar contribuições à montagem do mapa. Ao colocar a sua contribuição no mapa, cada estudante deverá explicar seu significado e importância.
- Uma vez finalizados todos os mapas, cada grupo deverá apresentar o seu mapa à turma, indicando e justificando os elementos que o constituem.
- Ao longo das apresentações dos adolescentes, problematize as percepções apresentadas, solicitando que pensem sobre o que é ser adolescente nesse território e sobre como a escola, por meio de seus próprios alunos, pode estreitar relações com as redes de arte, de cultura e de conhecimento da comunidade.



ATIVIDADE 2

MEMÓRIA E PROTAGONISMO | LINHAS DO TEMPO

Para que um determinado grupo de pessoas – como uma turma de estudantes – construa uma compreensão acerca de sua identidade grupal, é essencial que esses indivíduos produzam e socializem registros de suas memórias individuais, e ainda que construam registros da memória coletiva.

A memória, segundo o Museu da Pessoa, “reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar”.²² Verena Alberti destaca que “a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade”.²³

22 MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009. p. 14. Disponível em: <<https://bit.ly/2bBwaM6>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

23 MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009. p. 14. Disponível em: <<https://bit.ly/2bBwaM6>>. Acesso em: 10 abr. 2018. p. 95.

Importante mencionar, ainda, que produzir uma narrativa sobre a história de vida de uma pessoa e/ou de um grupo é um processo que permite repensar e reordenar crenças, padrões e valores muitas vezes tidos como absolutos.

Tendo em vista toda essa potência do trabalho com a memória, sugerimos a você que convide os alunos a desenvolverem atividades colaborativas nesse campo. Uma delas é a elaboração de linhas do tempo: de cronologias – pessoais e coletivas – que estimulam as pessoas a organizarem sua(s) própria(s) história(s). Ela permite que cada um “visualize a sua trajetória como um todo, ao mesmo tempo em que se vê diante do desafio de fazer escolhas e selecionar o que quer contar e registrar”.²⁴ É um processo, ainda, em que o sujeito percebe-se autor da própria história e descobre o valor da história do outro.

A elaboração da linha do tempo pode ser, enfim, um importante exercício colaborativo de construção de um conhecimento compartilhado sobre o contexto histórico dos estudantes, das famílias, da escola e da comunidade.

OBJETIVOS

- Promover a criação coletiva, pela turma de alunos, de linhas do tempo individuais,²⁵ bem como de uma linha do tempo coletiva, que cruze marcos das histórias de vida dos estudantes com os marcos das histórias da escola e da comunidade.
- Por meio das reflexões evocadas pelo exercício de construir uma narrativa histórica da própria existência, possibilitar que o adolescente perceba sua trajetória de vida numa perspectiva crítica e protagonista, identificando os momentos mais significativos de seu percurso, as escolhas feitas, as relações vivenciadas, as parcerias estabelecidas. Dessa forma, ampliar a compreensão de sua identidade, bem como das potencialidades e desafios relacionados ao seu desenvolvimento no presente e para o futuro.
- Por meio do exercício de construir coletivamente uma narrativa que combine os percursos históricos dos estudantes, da escola, da comunidade e do país, possibilitar que os adolescentes ampliem a compreensão de seus percursos históricos, em conexão com os relacionados ao seu contexto de vida.
- Possibilitar que, por meio das reflexões vivenciadas no processo, os estudantes se percebam sujeitos históricos. Ou seja, que compreendam que são pessoas que participam ativamente do processo histórico, sendo modificadas pelo contexto em que estão inseridas e, ao mesmo tempo, contribuem para a mudança e a construção da história, nos diversos espaços em que vivem.
- Espera-se, ainda, que as reflexões possibilitem a percepção de que a escola, a comunidade, e mesmo o país são, na verdade, emaranhados de histórias de vida combinadas – e que os sujeitos (cada estudante e todos os estudantes) têm um protagonismo a exercer em todos esses contextos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Para a atividade, separe cartolinas (uma por aluno, para a construção da linha do tempo individual, e oito para a linha do tempo coletiva), tesoura, cola, canetas coloridas e imagens (podem ser de revistas, jornais ou xerox de fotografias antigas).

24 MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009. p. 14. Disponível em: <<https://bit.ly/2bWwAM6>>. Acesso em: 10 abr. 2018. p. 22.

25 Adaptação de roteiro disponibilizado pelo Museu da Pessoa.

É interessante que você disponibilize, ainda, materiais artísticos que possam incrementar o processo de criação, como tintas guache coloridas, lápis de cor e de cera, cola colorida, etc.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade deve ser realizada ao longo de cerca de cinco aulas, com a seguinte sequência:

1 | Convide os alunos à construção de suas linhas do tempo individuais e realize com eles as ações que se seguem:

A | Avise previamente à turma que eles construirão linhas do tempo de suas histórias de vida. Peça a eles que separem desenhos, recortes, fotos dos quais queiram fazer cópias para usar em tal construção.

B | No dia do início da construção das linhas do tempo, providencie cópias dos materiais que eventualmente os alunos levarem à aula para a atividade, atendendo à sua solicitação prévia.

C | Distribua, entre os participantes do grupo, papel, tesoura, cola, canetas coloridas e imagens (podem ser de revistas, jornais ou xerox de fotografias antigas) e outros materiais destinados à atividade.

D | Lance à turma algumas questões que possam estimular a reflexão para a construção da linha do tempo: Quais são os principais marcos (momentos mais significativos) de sua vida? Por que são marcos? Quais são as pessoas significativas em sua trajetória de vida? Quais foram as principais escolhas que você fez? Há momentos de ruptura? Quais? Por que eles aconteceram?

E | Peça que cada pessoa faça a linha do tempo de sua história individual. Estimule o uso de cores, imagens e desenhos para compor a produção. Veja alguns exemplos na seção "Material de Apoio" deste caderno.

F | Explique a eles e a elas que, em suas linhas do tempo, deverão inserir os momentos que consideram os mais marcantes de suas vidas. Informe que acontecimentos que tenham ocorrido no mundo, no Brasil, em suas comunidades e famílias e que marcaram as suas vidas também deverão ser indicados nas linhas.

G | Dê à turma, no mínimo, meia hora para a criação das linhas do tempo individuais. Uma vez que todos tiverem terminado as suas criações, sugira aos estudantes que se organizem em grupos de três ou quatro pessoas e compartilhem suas histórias. Depois, cada grupo pode discutir e identificar as principais semelhanças e diferenças que aparecem em suas linhas do tempo.

H | Solicite que uma pessoa de cada grupo apresente as diferenças e semelhanças identificadas.

I | Finalize a atividade perguntando aos adolescentes o que aprenderam sobre si e sobre os colegas ao realizar essa atividade. De forma dialogada, aborde com eles a importância de que percebam suas trajetórias de vida numa perspectiva crítica e protagonista, identificando os momentos mais significativos de seu percurso, as escolhas feitas, as relações vivenciadas, as parcerias estabelecidas. Lance questões para reflexões individuais, tais como: o que a linha do tempo indica em relação à sua identidade? Nela, você consegue perceber potencialidades e desafios relacionados ao seu desenvolvimento no presente e para o futuro? Quais?

J | Se possível, afixe todas as linhas do tempo pela sala e faça um combinado com a escola para que elas serão mantidas nas paredes.

2 | Convide os alunos à construção de uma linha do tempo coletiva com o tema “Escola + Estudantes + Comunidade + Brasil / Mundo” e realize com eles as ações que se seguem:

A | Reúna os alunos em quatro grupos. Cada grupo terá a tarefa de investigar a memória coletiva de uma das seguintes décadas: anos 1980, anos 1990, anos 2000, e de 2010 aos dias de hoje. Sorteie as décadas entre os grupos. Explique que cada grupo deverá levantar o máximo de informações e imagens relacionadas aos principais acontecimentos vivenciados pela escola, pelos estudantes, pela comunidade e pelo Brasil/mundo na década com a qual estiver trabalhando. Entregue a eles fichas com os quadros relacionados às décadas (as fichas estão disponíveis na seção “**Material de Apoio**” deste Caderno) e explique que eles deverão inserir, em tal quadro, as informações que levantarem. Explique, ainda, que os grupos devem iniciar a pesquisa na própria aula e levá-la às suas famílias, a outros professores e à equipe da escola, às pessoas da comunidade.

B | Inicie a aula seguinte colando na parede cinco cartolinas, cada uma com o quadro referente a uma das décadas (o quadro deverá ter um desenho similar ao da ficha disponibilizada ao grupo para a pesquisa).

C | Oriente os grupos de alunos a iniciarem a atividade do dia inserindo, no cartaz referente à década que pesquisaram, todas as informações e imagens que tiverem levantado. Cada grupo só terá dez minutos para inserir os conteúdos no quadro. Passados os dez minutos, deverão se dirigir ao quadro seguinte e inserir conteúdos nele (usando a pesquisa feita pelos colegas ou buscando informações em seu repertório de conhecimentos). O processo segue da mesma forma, até que todos tenham passado pelos quatro quadros.

D | Encerre a aula indicando que, na aula seguinte, a tarefa será juntar os quatro quadros numa linha do tempo geral, tecer análises e reflexões sobre tal linha. Peça a todos que busquem informações e imagens que complementem as partes dos quadros que tiverem ficado com pouco conteúdo.

E | Na terceira aula, coloque os cartazes das décadas lado a lado, formando uma linha do tempo única. Peça a ajuda de todos para preencher as partes com pouco conteúdo.

F | Solicite a todos que insiram, na seção “Estudantes” da década atual, palavras ou frases retiradas de suas linhas do tempo individuais.

G | Uma vez finalizada a linha do tempo coletiva, promova uma reflexão sobre os resultados, lançando questões como: o que descobrimos sobre a nossa história coletiva ao elaborar a linha do tempo? Surgiram muitas informações novas? Quais? Vocês enxergam relações entre os acontecimentos ligados aos estudantes, à escola, à comunidade, ao país e ao mundo, ao longo dessa linha? O que a história de cada um de vocês tem a ver com tudo isso?



ATIVIDADE 3

GUIA DE CULTURA E CIDADANIA | LIVRO ARTESANAL

OBJETIVOS

- Promover a construção coletiva de um livro artesanal que contenha um levantamento das iniciativas de arte, de cultura e de promoção da qualidade de vida nas comunidades em que os alunos vivem.
- Por meio das pesquisas e das reflexões construídas ao longo da criação do livro artesanal, possibilitar que os adolescentes conheçam, reconheçam e se conectem aos sujeitos e às iniciativas de cunho social, artístico e cultural dos lugares em que vivem.
- A partir da atividade, gerar para a turma, equipe escolar e escola um banco de dados da arte, cultura e ação social comunitária de seu território – banco este que poderá ser acessado para a construção de ações em parceria.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Para a atividade, disponibilize à turma um caderno do tipo brochurão, com sessenta folhas, sem pauta. Também deverão ser disponibilizados tesoura, cola, canetas esferográficas, canetinhas coloridas, papéis coloridos e revistas para recorte.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade deve ser realizada ao longo de duas ou três aulas, com a seguinte sequência:

- 1** | Promova uma discussão de sensibilização, pedindo à turma que fale sobre o que entende pelas palavras: arte, cultura e qualidade de vida.
- 2** | Amplie a problematização, perguntando: quem faz arte, cultura e promove a qualidade de vida? Problematize as respostas, solicitando que eles apresentem exemplos de pessoas e grupos da escola e da comunidade.
- 3** | Desenhe um quadro para o levantamento geral de pessoas e coletivos das comunidades. Anote as contribuições de toda a turma. Peça a todos que anotem esse registro em seus cadernos.

QUEM FAZ ARTE?	QUEM FAZ CULTURA?	QUEM PROMOVE A QUALIDADE DE VIDA?

- 4 |** Indique que cada aluno deverá, na aula seguinte, levar ao menos mais um nome de pessoa ou grupo de cada uma das três “categorias”: quem faz arte, quem faz cultura e quem promove a qualidade de vida. Para isso, todos deverão conversar com familiares, amigos, pessoas da comunidade, colegas e professores.
- 5 |** No início da aula seguinte, complemente o quadro, incorporando as contribuições de toda a turma. Faça uma conversa e peça à turma que escolha até dez pessoas ou grupos que considerarem os mais significativos de cada uma das “categorias”.
- 6 |** Uma vez decididas quais iniciativas e/ou pessoas vão compor o levantamento, separe os alunos em duplas e indique que cada dupla deverá se responsabilizar, entre essa aula e a seguinte, por elaborar um texto com as informações sobre dois dos grupos ou sujeitos da lista.
- 7 |** As duplas deverão escolher as pessoas ou grupos sobre os quais levantarão informações.
- 8 |** Distribua o roteiro de pesquisa às duplas (disponível no "**Material de Apoio**", ao final deste Caderno).
- 9 |** Na aula seguinte, disponibilize duas folhas de papel colorido por dupla de estudantes. Cada dupla deverá criar, em cada folha, um perfil da pessoa ou grupo sobre o qual pesquisou. O perfil deverá ter texto (informações apuradas) e imagens (que foram solicitadas no momento da pesquisa; caso não tenha conseguido fotos ou outras imagens, a dupla poderá fazer uma ilustração).
- 10 |** Indique que cada folha de perfil deverá ter as seguintes seções (extraídas da própria ficha de pesquisa dos alunos): Nome, Integrantes, Endereço, Contatos, Trajetória, Proposta de trabalho, Localização e públicos, Atuação, Dificuldades enfrentadas, Perspectivas de futuro.
- 12 |** Dê às duplas cerca de quarenta minutos para a criação dos perfis dos sujeitos e grupos que pesquisaram.
- 13 |** Uma vez finalizados os perfis, cada folha deverá ser colada nas páginas do caderno brochurão, de modo que o conjunto das folhas configure o “miolo” de um livro. Pergunte quem da turma gostaria de se voluntariar para a criação da capa do livro artesanal – o Guia de Cultura e Cidadania.
- 14 |** Promova com a turma uma roda de conversa sobre o que aprenderam com a experiência, tanto em relação à arte, à cultura e às ações de cidadania da comunidade quanto em relação ao processo de levantar e pesquisar dados sobre as pessoas e grupos.
- 15 |** Providencie para que esse livro se torne um material de referência da escola, a ser disponibilizado na biblioteca, para pesquisa.



3.3 | PRINCÍPIO METODOLÓGICO: **PARCERIA COM OS ESTUDANTES NA CONSTRUÇÃO DOS SEUS PROJETOS DE VIDA**

FERRAMENTA METODOLÓGICA: ORIENTAÇÃO DE PROJETO DE VIDA

O QUE É

Segundo o Instituto Ayrton Senna,²⁶ a orientação de projeto de vida é um espaço para os alunos refletirem, de forma sistemática, sobre sua trajetória escolar, suas experiências na escola e no tempo livre e seus projetos para o futuro. Os professores podem receber formação específica e desempenhar o papel de orientadores dos projetos de vida dos estudantes.

O processo de orientação de projeto de vida engloba, segundo o percurso proposto por Antonio Carlos Gomes da Costa,²⁷ atividades estruturadas em que os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre suas identidades; de desenvolver um “querer-ser” – uma postura desejosa diante da vida; de identificar e projetar os seus desejos no tempo; de identificar seus desafios e forças; e de construir estratégias para viabilizar a concretização de seus sonhos – traduzidos em metas de curto, médio e longo prazo, bem como em planos de ação.

26 INSTITUTO AYRTON SENNA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Solução Educacional para o Ensino Médio**. Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna, 2012. v. 2: Estratégias.

27 COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Socioeducação**: estrutura e funcionamento da comunidade educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2006.

Com base no Paradigma do Desenvolvimento Humano, Costa destaca alguns princípios dessa orientação:

- **Toda pessoa nasce com um potencial** e tem o direito de desenvolvê-lo. Toda condição impeditiva de que isso ocorra é, em si mesma, uma violência.
- **Para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades.** As oportunidades educativas são as que verdadeiramente desenvolvem o potencial humano. As demais criam condições para isso.
- **O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez.** Nada adianta ter oportunidades e não saber fazer escolhas. Como, tampouco, adianta saber fazer escolhas e não ter oportunidades.
- Além de ter oportunidades, **as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas.**

Nessa perspectiva, na orientação de projeto de vida, professores orientadores propõem aos estudantes atividades em que eles têm a oportunidade de:

- Identificar seus interesses e aspirações;
- Problematizar o seu contexto, identificando desafios e forças;
- Traçar metas e estratégias;
- Fazer escolhas cada vez mais qualificadas.

ATIVIDADES SUGERIDAS



ATIVIDADE 1 MAPEANDO SONHOS

OBJETIVOS

- Construir mapas afetivos com os jovens, de forma colaborativa, que traduzam seus sonhos e perspectivas de futuro nos próximos 2 anos, 5 anos e 10 anos, com o seguinte recorte: onde quero estar e como quero ser.
- Sensibilizar os jovens a refletir sobre seus anseios, resgatando seus desejos mais íntimos, injetando ânimo e a certeza de que é possível construir.
- Promover o diálogo entre os jovens, para que discutam entre eles suas perspectivas de futuro, identificando os pontos em comum e os pontos divergentes.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Painéis de kraft com as colunas “Eu daqui a dois anos”, “Eu daqui a cinco anos”, “Eu daqui a dez anos”, canetões, tesoura, cola e revistas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade poderá ser desenvolvida ao longo de duas aulas. Previamente, peça que os jovens reflitam sobre onde esperam estar e como desejam ser daqui a dois, cinco e dez anos. Para a aula seguinte, eles deverão levar imagens e palavras que traduzam esses anseios.

Na primeira aula:

1 | Divida a turma em grupos de até cinco alunos e distribua um painel de kraft para cada grupo, com cola, tesoura e canetões. Ofereça revistas para quem não trouxe imagens e para que busquem montar as palavras previamente refletidas com recortes coloridos.

2 | Peça que cada integrante do grupo cole suas imagens e palavras correspondentes nas três colunas e, ao fazê-lo, explique para o resto do grupo seus sonhos e perspectivas envolvidos nas suas escolhas.

3 | Após o término das colagens, peça que cada grupo converse sobre o que foi levado por cada colega, identificando os sonhos e perspectivas em comum, os sonhos e perspectivas divergentes, os meios necessários para alcançá-los. O professor deve passar de grupo em grupo acompanhando o desenrolar da atividade, provocando questões quando oportuno, observando a participação de cada jovem.

Na segunda aula, peça que cada grupo apresente para toda a turma uma conclusão do que foi discutido. Encerre fazendo um fechamento reflexivo sobre a real possibilidade de alcançarem seus objetivos a partir da disposição de cada um em criar as condições necessárias para isso.



ATIVIDADE 2

“PROJETO DE VIDA: SONHO COM DEGRAUS”

OBJETIVO

Promover um exercício sistemático de reflexão, pelos alunos, acerca de seu contexto, aspirações e metas. A partir de tal reflexão, possibilitar que eles tracem seus projetos de vida e elaborem estratégias para a concretização dos mesmos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Ficha “Roteiro para o aluno – reflexão sobre o projeto de vida” (disponível na seção “**Materiais de Apoio às Atividades**”).

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Ao longo de duas aulas, promova um processo de elaboração, pelos alunos, de documentos que registrem os “alicerces” de seus projetos de vida – que sistematizem suas aspirações e metas e que possibilitem que eles definam ações e recursos estratégicos para a busca paulatina da concretização de suas metas.

Para isso, realize as seguintes ações:

- 1** | Reflexão dialogada: questione os alunos se eles sabem o que significa “projetos de vida” e se eles os têm. Fale da ideia de que eles estabeleçam “sonhos com degraus” e peça que falem de suas aspirações e sonhos.
- 2** | Aborde a importância do “querer-ser”, de cada um se lançar ao desafio de identificar o que se quer, analisar o que é possível construir e os passos a serem dados.
- 3** | Convide-os para, em dupla (um apoiando o outro), elaborarem uma sistematização sobre aspirações, análise de contexto e projeção de ações estratégicas, a partir do “Roteiro para uma reflexão sobre o projeto de vida” (disponível na seção “**Material de Apoio**”). Distribuir uma cópia para cada aluno).
- 4** | Antes de eles darem início ao preenchimento dos roteiros, aborde cuidadosamente cada um dos itens nele contidos, dando exemplos de possibilidades de preenchimento e esclarecendo dúvidas.
- 5** | Destine uma aula para que os alunos preencham seus roteiros. Percorra as duplas, acompanhando o processo, dando esclarecimentos e sugestões.
- 6** | Ao final, combine com os alunos que você vai ler e fazer observações em todos os esboços de projeto de vida construídos por eles.
- 7** | Indique que, ao final deste e dos demais bimestres, vocês terão um espaço para falar sobre os projetos de vida de todos e sobre como cada um está agindo em prol da concretização de seu projeto.



ATIVIDADE 3

“PROJETO DE VIDA: SONHO QUE SE SONHA JUNTO”

OBJETIVO

Revisitar bimestralmente os sonhos e objetivos traçados por cada jovem em seus projetos de vida (atividade anterior), promovendo uma reflexão crítica a respeito do que foi feito, como, o que deu certo, o que pode melhorar, os próximos passos. Essa atividade pode criar subsídio para que o professor intervenha mais diretamente e de forma mais personalizada para auxiliar os alunos em seus projetos de vida, a partir das reflexões feitas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Ficha “Roteiro para o aluno – avaliação bimestral sobre o projeto de vida” (disponível na seção “**Materiais de Apoio às Atividades**”).

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade deve ser realizada dois meses depois da Atividade 2, descrita acima, e deve ser repetida bimestralmente.

1 | Peça aos jovens que, com base na ficha preenchida no exercício anterior (“Roteiro para o aluno – reflexão sobre o projeto de vida”), que agora preencham a ficha “Roteiro para o aluno – avaliação bimestral sobre o projeto de vida”.

2 | Convide os alunos para se sentarem em roda. O ideal é que a roda não tenha mais do que quinze alunos, para não correr o risco de a conversa ficar longa e enfadonha. Caso você tenha mais que quinze alunos, faça duas rodas. Nesse caso, se você tiver alguma outra atividade para ser dada a um dos grupos enquanto o outro realiza a roda, ou alguém que possa acompanhá-lo numa outra atividade, tanto melhor. Isso é interessante para que você consiga participar das duas rodas de forma ativa. Caso não seja possível, faça as duas rodas de maneira concomitante e se reveze ora em uma, ora em outra, para participar da discussão e observar a dinâmica do grupo.

3 | Antes de iniciar, faça alguns combinados:²⁸ cada um tem seu jeito de falar e deve ser respeitado e valorizado por isso; todos devem ter a oportunidade de falar, para isso combine que cada um terá a palavra por até 3 minutos; ninguém deve interromper o outro: quando a pessoa estiver com a palavra, deve dizer “sou fulano e meu sonho é”, ao encerrar, terminar com “sou fulano e acabei”; o que for dito não deve ser criticado ou julgado por ninguém; não vale conversar sobre outra coisa ou se distrair com outra atividade durante a roda.

4 | A roda deve ser registrada por você, com anotações, ou gravada para que você consiga sistematizar e avaliar mais tarde.

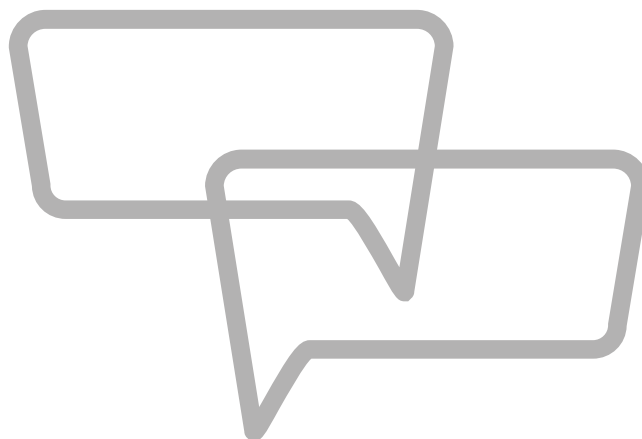
5 | A dinâmica da roda ocorrerá em duas rodadas. Na primeira, no sentido horário, cada jovem se manifesta sobre o que registrou em sua ficha, tendo a liberdade de expor os aspectos que quiser (não precisa dizer de todos os sonhos, falar tudo que está na ficha. Deve somente fazer um apanhado avaliativo sobre tudo que ali registrou: como tem agido para a concretização de seus sonhos, o que deu certo e o que não deu, o que pretende fazer nos próximos dois meses).

6 | Na segunda rodada, no sentido anti-horário, o jovem deve intervir de forma crítica e respeitosa no sonho do seu colega da direita. Deve iniciar a fala assim: “Eu sou fulano e gostaria de ajudar o sonho do meu colega ciclano dando a seguinte ideia”. E então ele deve dar uma dica, um elogio, uma palavra de incentivo, um conselho a respeito do que foi dito por esse colega da direita durante a primeira rodada.

7 | O professor poderá fazer reflexões nos momentos oportunos. Deve ainda recolher as fichas preenchidas para uma avaliação geral e para tomada de decisões dos próximos passos ou do que pode ser feito para auxiliar os alunos a partir de suas colocações.

**OBSERVAÇÃO IMPORTANTE**

A orientação de projeto de vida tem um impacto exponencialmente maior na trajetória dos estudantes se realizada individualmente (aluno por aluno, sempre pelo mesmo professor orientador), com encontros quinzenais. Para que essa orientação individualizada seja possível na escola, é preciso que gestores e equipe trabalhem para abrir espaço, na grade de horários das atividades, de tempos (horários de aula) destinados à orientação de projeto de vida. **Leve esse desafio e essa reflexão à sua escola!**



4 | **MATERIAL DE APOIO** ÀS ATIVIDADES



ATIVIDADE | **“MAPEANDO REDES E SABERES:**
MAPA AFETIVO COLABORATIVO DA COMUNIDADE”

EXEMPLOS DE MAPAS AFETIVOS

1 | Mapas de afetos dos Laboratórios Experimentais de Criatividade / SP e BA



Fonte: <https://www.facebook.com/pg/labexperimentalorg/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 10 abr. 2018.

2 | Mapa de afetos construído no projeto “Descartógrafos”, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC)



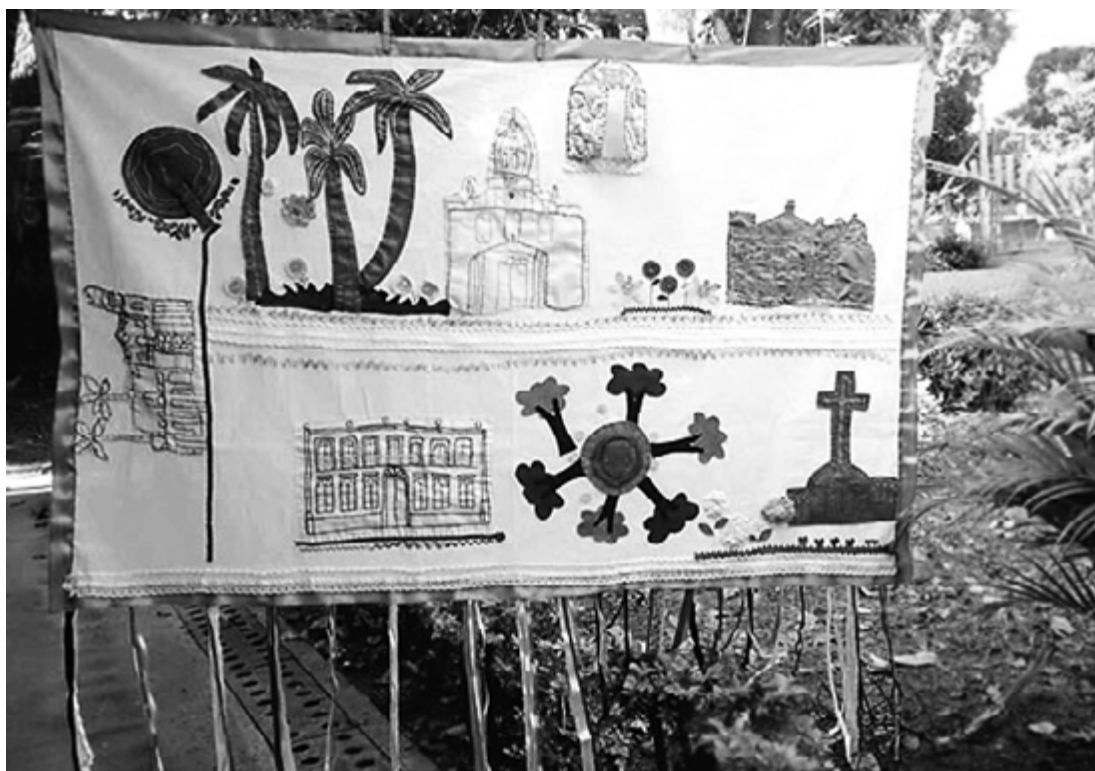
Fonte: <<https://cartografiasonline.wordpress.com/2011/10/20/descartografos-recartografos>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

3 | Mapa de afetos criado por bordadeiras paulistas no projeto “Tear e Poesia”



Fonte: <<http://abca.art.br/n35/o5bertoli.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

4 | Mapa de afetos do circuito histórico de Itu, confeccionado e bordado pelas mulheres da renda cidadã do CRAS PIPA, de Itu, São Paulo



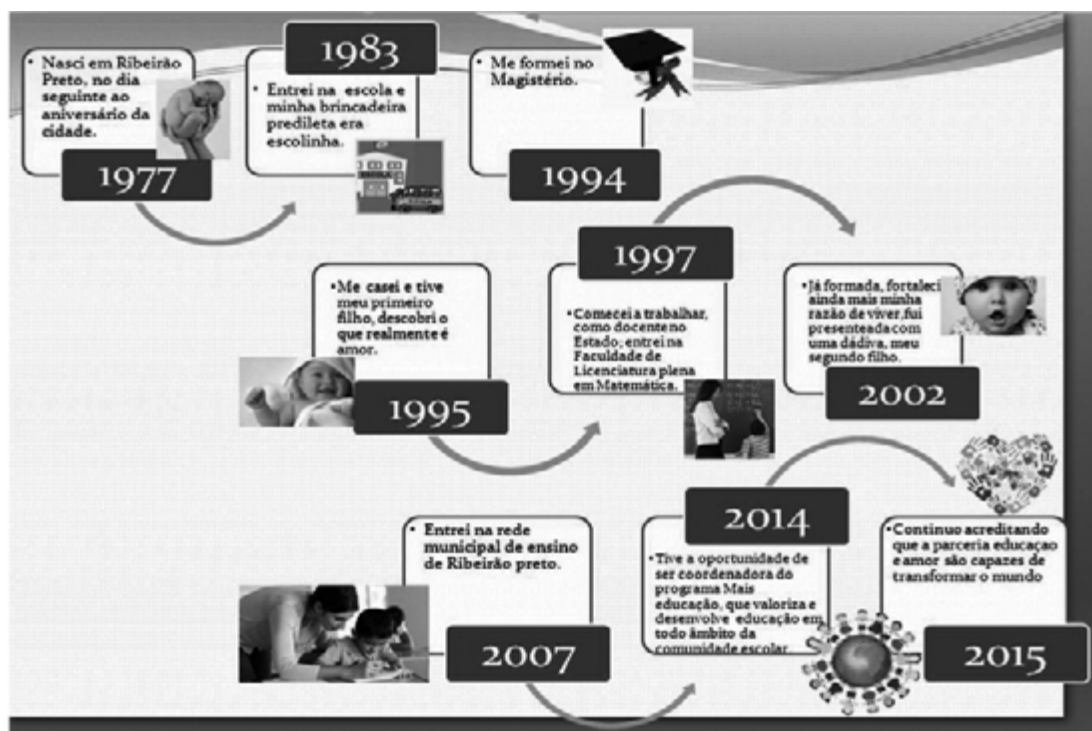
Fonte: <http://hotsite.itu.sp.gov.br/festivaldeartes/portfolio_item/18h-abertura-da-mostra-frestas-rendadas-mapa-afetivo-do-centro-historico/>. Acesso em: 10 abr. 2018.



ATIVIDADE | **“LINHAS DO TEMPO:**
MEMÓRIA E PROTAGONISMO”

EXEMPLOS DE LINHAS DO TEMPO INDIVIDUAIS

1 | Linha do tempo de Karina Muniz, criada em oficina do Museu da Pessoa



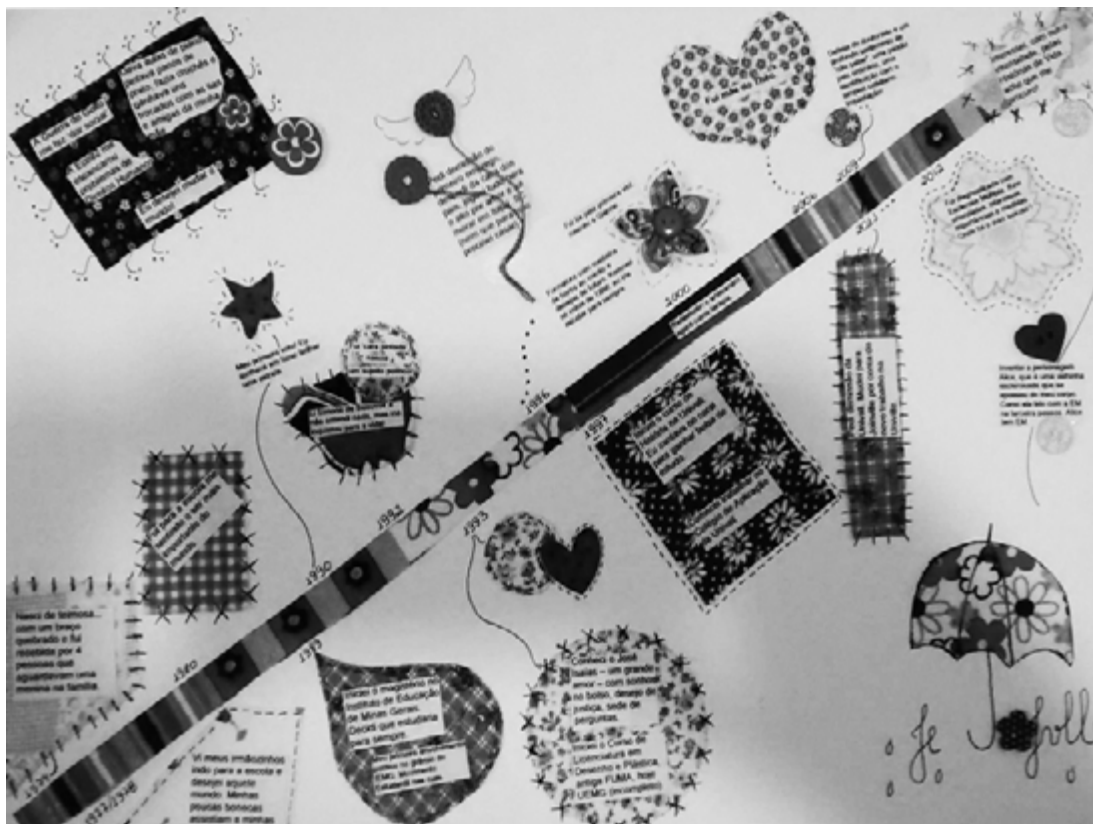
Fonte: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/imagem/linha-do-tempo-de-karina-120432>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

2 | Linha do tempo de Carolina Mauro, criada em atividade da Universidade Veiga de Almeida



Fonte: <<https://inovacional.wordpress.com/2011/10/05/linha-do-tempo-parte-3/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

3 | Linha do tempo de Raquel Venera, criada em atividade do Museu da Pessoa



Fonte: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/imagem/linha-do-tempo-de-karina-120432>>. Acesso em: 10 abr. 2018.



ATIVIDADE | **“LINHAS DO TEMPO:**
MEMÓRIA E PROTAGONISMO”

FICHA PARA A CONSTRUÇÃO DA LINHA DO TEMPO COLETIVA

[illegible]

[illegible]

[illegible]



ATIVIDADE | **“GUIA DE CULTURA E CIDADANIA”**

**FICHA PARA A ELABORAÇÃO DOS PERFIS DOS SUJEITOS
E GRUPOS DE ARTE, CULTURA E CIDADANIA**

NOME DA PESSOA OU GRUPO:	
INTEGRANTES (NO CASO DE GRUPO):	ENDEREÇO E CONTATOS:
QUANDO COMEÇOU A ATUAR? QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS AÇÕES E ACONTECIMENTOS DE SUA TRAJETÓRIA?	QUAL É A PROPOSTA DE TRABALHO / O IDEAL DESSA PESSOA OU GRUPO?
LOCALIZAÇÃO E PÚBLICOS – ONDE E JUNTO A QUE PÚBLICOS ATUA?	ATUAÇÃO – O QUE REALIZA? (BREVE DESCRIÇÃO DO TRABALHO ARTÍSTICO / DA ATUAÇÃO CULTURAL / DO TRABALHO SOCIAL DESENVOLVIDO)
DIFICULDADES ENFRENTADAS	PERSPECTIVAS DE FUTURO

Obs.: Pedir à pessoa ou grupo que forneça cópias de fotos e de materiais de divulgação, caso tenha.



ATIVIDADE | **“PROJETO DE VIDA: SONHO COM DEGRAUS”**

**ROTEIRO PARA O ALUNO –
REFLEXÃO SOBRE O PROJETO DE VIDA**

IDENTIDADE	
DESCREVA VOCÊ PRÓPRIO E FAÇA UMA LISTA DAS SUAS QUALIDADES E FORÇAS, BEM COMO DOS PONTOS EM QUE ACREDITA QUE PRECISA MELHORAR.	VOCÊ TEM SONHOS? QUAIS?
O QUE TE AFASTA DOS SEUS SONHOS?	O QUE TE APROXIMA DOS SEUS SONHOS?
DESENHE UMA REDE QUE REPRESENTA AS SUAS RELAÇÕES Coloque você no centro e as relações que você constrói: família, amigos, namoro, escola, trabalho, lazer, religião, grupos culturais, etc. Identifique quem está mais perto ou mais longe de você. Identifique, ainda, quem é (são) a(s) pessoa(s) que mais incentiva(m) você.	

SONHOS

DEFINA UMA META (UM SONHO POSSÍVEL DE SE CONCRETIZAR) PARA CADA UM DOS SEGUINTE ASPECTOS DE SUA VIDA:

- **Relacionamentos (família, amigos, escola)**
- **Vida de estudo**
- **Preparação para a vida profissional futura**
- **Vida social, cultural e esportiva**

SONHOS COM DEGRAUS				
SONHOS – O QUE EU BUSCO?	QUE AÇÕES POSSO REALIZAR (AGORA E NOS PRÓXIMOS DOIS MESES) PARA CAMINHAR RUMO AO QUE DESEJO?	QUE AÇÕES POSSO REALIZAR ATÉ O FIM DO ANO?	QUE RECURSOS E PESSOAS POSSO ACIONAR EM MINHA BUSCA?	
Nos relacionamentos:				
Na vida de estudo:				
Na preparação para a vida profissional futura:				
Na vida social, cultural e esportiva:				



ATIVIDADE | **“PROJETO DE VIDA –
SONHO QUE SE SONHA JUNTO”**

**ROTEIRO PARA O ALUNO –
AVALIAÇÃO BIMESTRAL DO PROJETO DE VIDA**

SONHOS COM DEGRAUS – DEGRAUS PERCORRIDOS					
SONHOS – O QUE EU BUSCO?	QUE AÇÕES REALIZEI NOS ÚLTIMOS DOIS MESES?	COMO FOI? (O QUE DEU CERTO, DESAFIOS, O QUE PODE MELHORAR)	QUE AÇÕES VOU REALIZAR NOS PRÓXIMOS DOIS MESES?	QUE AÇÕES VOU REALIZAR ATÉ O FINAL DO ANO?	COMO TEM SIDO MINHA BUSCA DE PESSOAS PARA ME APOIAR? COMO POSSO MELHORAR ESSA BUSCA NOS PRÓXIMOS MESES?
Nos relacionamentos:					
Na vida de estudo:					
Na preparação para a vida profissional futura:					
Na vida social, cultural e esportiva:					

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/iSZhMU>>. Acesso em: 1º dez. 2017.

ESPECIAL CURRÍCULO. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/DVGCgy>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Qual o papel dos professores e como estimular a participação dos estudantes?** 23 set. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/10k3o8Y>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: o que é e como praticá-lo. Salvador: Instituto Aliança, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/CLxdgh>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Socioeducação**: estrutura e funcionamento da comunidade educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2006.

FARIA, Andréa Alice da Cunha; FERREIRA NETO, Paulo Sérgio. **Ferramentas de diálogo**: qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo. Brasília: MMA; IEB, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2quTwo4>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Anos finais do ensino fundamental**: aproximando-se da configuração atual. 1º dez. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/rgA8pD>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Excelência com equidade**: os desafios dos anos finais do ensino fundamental. [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/ybGND0>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO AYRTON SENNA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Solução educacional para o ensino médio**: Caderno 2: modelo pedagógico: princípios, metodologias integradoras e avaliação da aprendizagem. Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hwok87>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO AYRTON SENNA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Solução educacional para o ensino médio**. Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna, 2012. v. 1: Conceitos. Disponível em: <<https://bit.ly/2quqTPY>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO AYRTON SENNA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Solução educacional para o ensino médio**. Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna, 2012. v. 2: Estratégias.

INSTITUTO INSPIRARE; INSTITUTO AYRTON SENNA. **Especial socioemocionais**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Zwdrkm>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO INSPIRARE; INSTITUTO UNIBANCO E AGÊNCIA SELLUS. **Faz sentido**: ensino fundamental II. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/2N1s3x>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO INSPIRARE. **Nossa escola em (re)construção**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/BoUen7>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MANSUTTI, Maria Amabile; ZELMANOVITS, Maria Cristina; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; GURIDI, Verónica. Especial: estudo CENPEC Educação na segunda etapa do ensino fundamental. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 2, n. 4, [s.p.], 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/pdV8um>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MATHIAS, Antonio Jacinto. "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança." [s.p.]. Disponível em: <<https://bit.ly/2uZ3v2k>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. São Paulo: Museu da Pessoa, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2bBwaM6>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PNUD BRASIL. **Mapa do desenvolvimento humano no Brasil**. Disponível em: <<https://goo.gl/YcmeqB>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SANTOS, Alton Dias (Org.). **Metodologias participativas**: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos. São Paulo: Peirópolis, 2005.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação em debate**: por um salto de qualidade na educação básica. São Paulo: Moderna, 2013.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/DuhBjH>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

IMPRESSO EM BELO HORIZONTE, EM JUNHO DE
2020, POR A CRIAÇÃO GRÁFICA.

Realização:

